RESISTÊNCIA NAS CANÇÕES "A ORDEM NATURAL DAS COISAS" E "PAISAGEM", DE EMICIDA

Samara de Sousa Moreira (PIC/UEM), Geniane Diamante Ferreira (Orientadora). E-mail: ra145266@uem.br / gdfferreira@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Linguística, Letras e Artes /Teoria Literária.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Literatura. Resistência.

RESUMO

O presente trabalho analisa duas canções do álbum musical *AmarELO* composto pelo *rapper* Emicida: *A ordem natural das coisas* e *Paisagem.* O objetivo principal consistiu em analisar de forma crítica as canções para revelar como a resistência se manifesta por meio delas; como são representativas do povo negro e como o discurso de resistência se constrói por meio da arte. Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica acerca da teoria pós-colonialista e da resistência tendo como base estudos de pesquisadores como Bonnici (2003), Todorov (1982) e Said (2007). Como resultado da análise, nota-se que a primeira canção trabalha com a dualidade entre felicidade e tristeza na vida da classe periférica. Já na segunda há um tom irônico e cínico acerca da vida como membro desfavorecido da sociedade, mas ambas as músicas trazem mensagens de esperança. Conclui-se que ao passar pela denúncia social, de forma a humanizar as classes desfavorecidas, o cantor demonstra uma prática de resistência discursiva indireta que se dá por meio da arte.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que ainda sofre com os resquícios da colonização. Em uma sociedade onde o povo periférico, consideravelmente constituído de pessoas negras, é marginalizado, torna-se necessário um olhar cuidadoso e crítico sobre tal situação e, por meio do que é produzido nesses locais, é possível encontrar mecanismos de entendimento da realidade.

O presente trabalho analisa como a resistência negra e periférica, por meio da arte, se manifesta nas canções *A ordem natural das coisas* e *Paisagem*, do álbum AmarElo (2019), de Emicida. O objetivo é compreender a representação do povo negro, a construção do discurso de resistência e a aplicação da teoria pós-colonial às letras. A metodologia é bibliográfica, com base em Bonnici, Said, Todorov, Feldman e Silvestre, conforme consta das referências.

Revisão de literatura

Segundo Bonnici, a descolonização é um processo contínuo, os resquícios do poder colonial permanecem e a arte funciona como contradiscurso. O rap é uma das formas de resistência por trazer em suas letras contestadoras a expressão da vivência periférica. Emicida, nascido em comunidade paulistana, é expoente do gênero e sua obra aborda racismo e a marginalização.

A fundamentação teórica aborda poder, discurso e identidade periférica. Bonnici afirma que poder e discurso são indissociáveis: o discurso constrói ideias e o poder as legitima, criando o subalterno. Said, em *Orientalismo*, mostra como a construção do "outro" serve para dominá-lo. Todorov, ao analisar Colombo, conclui que o outro era objeto a ser moldado, sem igualdade. A diferença étnica justificou a outremização e teorias eugenistas, hoje refutadas, mas cujo discurso persiste. Feldman e Silvestre apontam alguns tipos de resistência: a combativa, a pacífica e a discursiva; essa última pode ser indireta, feita pela produção cultural, como é o caso do nosso objeto de estudo. Ela atinge amplo público, afirma identidades e gera identificações. O conceito de *survivance* ou sobrevidade mais evidente na literatura indígena, também se aplica à resistência negra: resistir enquanto mantém sua cultura, adaptando-se para não morrer.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise de "A ordem natural das coisas", a canção abre com o ditado iorubá "Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje", sugerindo que o presente ressignifica o passado. Emicida busca uma nova perspectiva do povo negro, para além da dor, transformando objetos em sujeitos. A letra evoca o amanhecer e o filme Orfeu Negro (1959), alternando felicidade e tristeza. Os versos iniciais mostram uma trabalhadora que acorda antes do sol, a merendeira, Dona Maria. O refrão "O sol só vem depois" valoriza essa jornada. A canção denuncia a invisibilidade dos trabalhadores periféricos, que sustentam o país. A mãe que alerta o filho para levar o documento revela a necessidade de provar identidade e inocência, pois a presunção de inocência não se aplica ao "outro". A referência à "São Paulo das manhã que tem lá seus Vietnã" alude às batalhas diárias e ao medo da violência policial.

A canção também contrasta dia e noite, vida e morte. A "vela que se apaga, a brasa fria, a fumaça que dança, o orvalho e o sereno" compõem um fim tranquilo, metaforizando a delicadeza da existência. "A lua já tá no Japão" evoca a pequenez humana e a igualdade diante do tempo. Esse encerramento rompe com o discurso hegemônico que brutaliza a vivência periférica. Reivindicar a narrativa da própria existência, inclusive a morte digna, é resistir. Os versos sobre "farelos de sonho, reforma do quartinho, crianças indo à escola e feijão germinando no algodão" mostram esperança. A educação é resistência, e a continuidade das gerações combate o fatalismo. As nuvens com cabelo crespo representam os anciãos, que

veem o amor dos dois mundos. Emicida confere dignidade a crianças, adultos e idosos. A filosofia Ubuntu, presente no álbum, reforça a coletividade: “Eu sou porque nós somos”.

A canção “*Paisagem*”, por sua vez, segue modelo semelhante. O título remete a uma observação irônica da realidade. A canção critica a violência, a colonização e a desigualdade. Os “raptores” e “roedores” são os colonizadores e seus descendentes, que prosperam à custa dos outros. As árvores representam o status social: áreas nobres têm verde planejado; periferias, não. O vermelho no folclore denuncia massacres. A oração e a religião são associadas à imposição do cristianismo. A ironia “Com sorte talvez piore” e a frase “Não se iluda, pois nada muda” expressam cinismo, mas também resistência ao conformismo. O oprimido pode “contemplar as flores”, ter alegria e esperança. A precariedade da favela é retratada no “sinta-se em casa”. A “imaginação do verão” e o esquecimento da “radiação na brisa” são formas de resistir ao frio e à poluição.

A ancestralidade surge como resistência por meio do jazz, música de raiz negra. O eu lírico reconhece a eficácia do opressor, mas ironiza a paz dos cemitérios. A resistência está na luta interna contra um sistema que coloniza o pensamento. O trecho “brindamos com fel” evidencia a dificuldade do trabalho sem voz. A ancestralidade é negada e ao sujeito é imposto o papel de marginal, assim como Todorov explica a construção do “outro” como objeto. A crítica à tecnologia e às redes sociais aponta para a mercantilização da cultura periférica, o verso “nada é sólido, nada” e as palavras proparoxítonas “insólito”, “pálido”, “sádico” e “inválido” reforçam a desilusão. O eu lírico pede um “bálsamo” para um tempo sádico, mas reconhece que o sonho é inválido e pede para acordar.

CONCLUSÕES

Conclui-se que a análise evidenciou, pela teoria pós-colonialista, uma forma de resistência pela arte. Emicida denuncia desigualdade e racismo, humaniza as classes desfavorecidas e apresenta duas perspectivas complementares. “A ordem natural das coisas” trabalha a dualidade entre felicidade e tristeza, com mensagem de esperança. “Paisagem” tem tom irônico e cínico, mas também de luta. Ambas trazem esperança e resistência discursiva indireta.

REFERÊNCIAS

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia. **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá, PR: EDUEM, 2003. p. 205 - 221.

CAVALCANTE, Kellison Lima. Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano. **Revista Semiárido De Visu**, *[S. l.]*, v. 8, n. 2, p. 184–192, 2020. DOI: 10.31416/rsdv.v8i2.52. Disponível em:

https://semiaridodevisu.ifsertaope.edu.br/index.php/rsdv/article/view/52. Acesso em: 29 mar. 2026.

FELDMAN, Alba Krishna Topan; SILVESTRE, Nelei Alves Coelho. Estratégias de resistência, sobrevivência e continuidade no discurso de grupos étnicos colonizados: reflexões teóricas. In: FELDMAN, Alba Krishna Topan; MUNHOZ, Ruan Fellipe (Org.). **Perspectivas multiculturais e pós-coloniais: irrompendo a literatura convencional**. Maringá: Editora Trema, 2019. p. 31-56.

SAID, Edward W. Introdução. In: SAID, Edward W. ***Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente***. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 27-49.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1982. cap. 1, p. 13-64.